



GEPAD EM QUARENTENA - NÚMERO 27

Vivendo o confinamento em uma zona cafeeira de Colômbia

Álvaro Parrado Barbosa¹

Sandra Liliana Rojas Molina²

Albán é um pequeno município perto de Bogotá, localizado nas cercanias da Cordilheira dos Andes, na região central da Colômbia. O município é atravessado pelo caminho nacional (“o caminho real”) que conectava o Rio Magdalena, principal via fluvial de Colômbia até inícios do século XX, com a Sabana de Bogotá. Com clima entre frio e médio, Albán conta com 14 comunidades, entre elas Chimbe, onde o cultivo do café chegou em 1864. Chimbe faz referência ao cacique Panche, pertencente a uma comunidade indígena que se opôs à invasão espanhola até seu desaparecimento. A comunidade³ tem um centro povoado com uma importante atividade comercial, onde os habitantes se abastecem dos produtos para o consumo do domicílio e de insumos agropecuários. Além do café, produz -se frango, ovos, banana da terra, goiaba e rapadura⁴

1 I.A. Dr. Desenvolvimento Humano e Sostenível. Professor da Universidad Nacional de Colombia.

2 Filóloga, MsC. Professora Institución Universitaria Colombo Americana, UNICA.

3 A comunidade (vereda) faz parte da divisão administrativa dos municípios nas suas zonas rurais.

4 A rapadura resulta da concentração do suco da cana se dando uma consistência sólida. Em outros países latinoamericanos se conhece como piloncillo (México), chancaca (Perú e Chile) e panela (Colombia). Tem uma grande demanda na Colômbia, em especial por parte da população de

comercialmente e mandioca, milho, frutas, hortaliças e plantas medicinais de cultivos para o autoconsumo. Há uma presença importante de idosos na população, pois os jovens preferem migrar para Bogotá e outros municípios maiores, especialmente ao vizinho Facatativá, na procura dos benefícios da modernidade. Nas últimas semanas alguns têm regressado fugindo do coronavírus, já que não há casos detectados no município.

A manhã nesta zona rural inicia com os cantos dos galos, aos que se vão somando diversas aves que substituem o som dos insetos noturnos. Os fogões a lenha ou a gás começam a fumer para esquentar o “tinto” (mistura de café e rapadura), que acompanhará as primeiras tarefas do dia. Abril é um mês de chuvas, o “inverno” para os colombianos, pelo que é comum um denso nevoeiro que acompanha algumas manhãs, um ambiente de tranquilidade e mistério. Esse inverno tem sido inusualmente ensolarado, provavelmente por causa das mudanças climáticas. Num mesmo dia pode fazer calor, chuva e frio ao mesmo tempo. Aqui, o passar do tempo se sente mais rápido, porque durante o dia todo estão se realizando diferentes atividades. Alguns exemplos do cotidiano da vida são: capinar, semear, podar, coletar, ordenhar, recolher ovos, dar de comer aos animais, cozinhar em boas proporções, lavar e secar a roupa ao ar livre, caminhar, conduzir ou cavalgar para comprar ou vender algo.

Com a rotina similar ao longo da semana, perde-se o conceito dos dias e das horas. Não há presa, um encontro com um vizinho pode terminar em uma larga conversa que faz as vezes de fonte de informação, educação e entretenimento. As noites são curtas, para muitos há que ir a dormir cedo porque a consigna é levantar-se de novo com o som dos galos. Algumas famílias se reúnem em torno da mesa para compartilhar as vivências do dia e uma ou outra anedota. Outros preferem submergir na televisão como ocorre nas cidades.

Com a chegada do coronavírus nesta zona cafeteira, os camponeses continuam realizando as tarefas diárias que requerem seus sítios e oferecendo sua mão de obra como trabalhadores agrícolas (diaristas) e a maior parte do comércio segue funcionando, porque está vinculado à cadeia de abastecimento alimentar.

Pode-se afirmar então que o confinamento decretado pelo governo ante a crise do COVID-19 é menos sentido que nas cidades e municípios maiores. Esta população historicamente tem sofrido outras epidemias, mais de tipo social, como a pobreza, a violência e a ausência do Estado, o que os têm feito resilientes perante às adversidades.

As medidas tomadas pela administração municipal para prevenir o contágio do coronavírus são similares às que se têm tomado em outras zonas como Bogotá. Aplicam-se as políticas estabelecidas em nível nacional e internacional: permitir que somente uma pessoa por família possa sair a menores ingressos.

comprar os bens básicos, o distanciamento social mínimo de 2 metros, o toque de recolher permanente para pessoas maiores de 70 anos, o uso de máscaras nos lugares públicos e para pessoas doentes, e o controle e desinfecção dos veículos. Em Chimbe, o funcionamento do comércio está restringido até as 2 da tarde, a exceção de uma lan house recentemente criada, que funciona até as 6 para tentar garantir o acesso à educação, pois boa parte da população não tem internet (incluindo este que vos escreve) para assistir aulas virtuais oferecidas por escolas e universidades. Os anúncios na televisão sobre as facilidades para visitar museus, se capacitar e descarregar aplicativos estão longe da realidade desta população rural, pois não há computadores e os telefones são só para fazer e receber ligações. Com a educação a distância das crianças e adolescentes está se transferindo o trabalho para os pais e mães com uma maior demanda de tempo, inclusive para quem não terminou o ensino fundamental.

O medo de contrair o coronavírus é menor nesta zona rural, apesar de diariamente os meios de comunicação de massa dedicarem boa parte da sua programação relatando os novos contágios e mortes. Ademais, no horário de maior audiência o governo nacional ocupa todos os canais públicos para que o presidente e os ministros lembrem as sanções que imporão a quem sair à rua e anunciem políticas que dizem “estar implementando” na tentativa de melhorar a sua deteriorada popularidade.

O horário imposto ao comércio em Albán gera maior concentração de pessoas na manhã e ao meio dia, embora as filas não passem de cinco pessoas. Mesmo que a capacidade da polícia e da administração municipal em controlar o cumprimento das medidas sanitárias seja limitada, a maior parte da população está acatando o confinamento. Com as restrições à mobilidade e ao comércio, têm se dinamizado algumas práticas solidárias, como o intercâmbio de produtos e serviços entre os vizinhos, ora através do dinheiro ou da troca. Também se observam ajudas espontâneas ou favores para os vizinhos e outras pessoas, como aqueles que tem veículos e trazem produtos da cidade ou as pessoas que fazem doações às famílias mais vulneráveis.

Entre abril e maio, a população começa a se preparar para a principal colheita de café, a fonte de emprego mais importante nessa época. O alto preço internacional do café e do dólar está gerando uma grande expectativa na população, razões que os dispõem a assumir riscos em tempos de COVID-19, ainda mais por ser uma população majoritariamente idosa.

Na zona cafeteira de Albán, vive-se com o dinheiro no bolso do dia a dia, sem pensar muito no longo prazo. As pessoas sabem que as crises não são para sempre, que não há tempo ruim que dure cem anos, nem corpo que o resista. As pessoas percebem que nestes momentos é muito melhor estar na zona rural, pelo menor risco ao contágio, do que aglomerados na cidade com multidões solitárias e com a vida confinada. No entanto, elas

compartilham as preocupações sobre as implicações que a crise sanitária está gerando nas suas fracas economias, seus modos de vida rurais e os dos familiares que migraram para as cidades na busca de um melhor futuro. Essas populações resilientes, capazes de se adaptar às flutuações políticas, sociais e econômicas, estão reinventando a sua cotidianidade e relações sociais, usando máscaras artesanais e lavando frequentemente as mãos. Aguardam, como todo mundo, a redução da incidência da pandemia e a flexibilização das normas de isolamento social para retornar à normalidade.